

OS JESUÍTAS E A CIVILIZAÇÃO PELA PALAVRA

The Jesuits and the civilization through the word

DJAIR LÁZARO DE ALMEIDA

Diretoria de Ensino Região de São Carlos/SP

djair_lazaro@yahoo.com.br

RESUMO Este artigo trata das estratégias que compuseram as técnicas educacionais dos missionários jesuítas no contexto do Brasil colonial. A pedagogia de Anchieta, auxiliada por sua própria produção de poesia e teatro, alicerçou-se em práticas eclesiais da tradição oral. Congregando a população indígena pela mediação do idioma tupi, Anchieta mesclou liturgia, teatro e escola. Para tal, o missionário jesuíta valeu-se de táticas experimentadas e sistematizadas ao longo dos séculos. As homilias e os textos dos autos, além de adaptações hagiográficas, valiam-se do próprio ritual tribal na garantia de interação com o povo indígena, à maneira de pregadores do século XII, que pregavam em língua vulgar apropriando-se de técnicas de comunicação de massa utilizadas pelos intérpretes profissionais da poesia. O trabalho dos jesuítas, sistematizado em catequese e ensino coadjuvados pelo teatro, respondendo ao processo de colonização, teve como base métodos de origem medieval e de consagradas estratégias da tradição oral.

Palavras-chave: JESUÍTAS, EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO ORAL.

ABSTRACT This article is about strategies that made up the educational techniques of the Jesuit missionaries in the context of colonial Brazil. The pedagogy of Anchieta, supported by its own poetry and drama productions, was based on ecclesiastical skills of oral tradition. Putting together the indigenous population, through the Tupi language, Anchieta mixed liturgy, drama and school. For this purpose, the Jesuit missionary made use of tested and classified methods over the ages. The sermons and the texts in the documents, besides the hagiographic adjustments drew on the tribal ritual itself confirming the interaction with the native people. Like, for example, in the twelfth century when preachers who preached in popular language assumed techniques of mass communication used by professional interpreters of poetry. The work of the Jesuits, systematized in catechism teaching and assisted by drama, answering to the colonization process, was based on methods of medieval origin and acclaimed strategies of oral tradition.

Keywords: JESUITS, EDUCATION AND ORAL TRADITION.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é investigar as estratégias constitutivas das técnicas educacionais jesuíticas no contexto da primeira experiência pedagógica do Brasil colônia. O presente texto, restringindo-se às considerações sobre parte da bibliografia publicada concernente ao tema, vale-se da teoria de Paul Zumthor, expressa na obra *A letra e a voz: A “literatura” medieval*.

A chamada racionalidade jesuítica parece que não se plasmou apenas sobre os dois documentos da Companhia de Jesus – Constituição do Instituto (1558) e *Ratio Studiorum* (1599) –, ocorrendo às expensas circunstanciais, como observam os pesquisadores consultados para este trabalho.

Em uma condição colonial específica, engendrou-se, no parecer de Bosi (1993, p. 81), “uma retórica para as massas” cujos conteúdos doutrinários, foram armados a partir de “grandes esquemas alegóricos”. Assim, Anchieta, falando e salmodiando, renunciava a um universalismo enquanto permitia aos nativos, por meio de seus próprios mitos, uma interação particularizada com a esfera divina de estirpe católica. Um discurso de poder, da boca ao ouvido, inscrito num cenário e num tempo significantes e mediado pelos próprios ritos indígenas.

O princípio da mediação entre colonizadores e colonizados, assentado sob uma situação histórica peculiar e realizado pela forja de uma mitologia transferida da própria cultura indígena, foi permitido, de acordo ainda com Bosi (1993, p. 73), por um “catolicismo ibérico”, que ainda no século XVI guardava características medievais.

Para tal investigação, partimos da hipótese de que a improvisação da prática missionária pelos jesuítas foi facultada e mediada pela apropriação de técnicas experimentadas da tradição oral.

AS ESTRATÉGIAS CONSTITUTIVAS DA PEDAGOGIA JESUÍTICA

O trabalho pedagógico de Anchieta, ancorado por sua própria produção de poesia e teatro, parece situar-se em práticas eclesiais de tradição oral que remonta séculos.

Zumthor (1993, p. 75) nos informa que “na ordem das crenças e dos ritos, a dupla precisão da mensagem divina, *Verbum e Scriptura*”, impedia que se questionasse a autoridade do *Verbum*. Ou seja, a igreja defendia a transmissão oral como principal veículo dos dogmas.

O catolicismo fazia da ‘tradição’ uma das duas fontes do dogma, e essa noção abrangia, com os escritos patrísticos, um vasto circuito de discussões e declarações orais, institucionalizadas em práticas pastorais ou conciliares. Até o século XII, o bispo (mais experimentado, nota Duby, do que o rei no manejo da retórica) tem o monopólio da palavra verídica. (ZUMTHOR, 1993, p. 76).

De acordo ainda com Zumthor (1993, p. 76), a voz intervém como poder e como verdade “na relação dramatizada que confronta com o sagrado o *homo religiosus*”. Ao sabor

da palavra é que “se realizam as formas sacramentais e exorcizantes” na garantia de salvação. O ideário da civilização pela palavra impregnará o discurso dos jesuítas contribuindo para a difusão da fé cristã, congregando a população indígena pela mediação do idioma tupi. E pelo teatro, palavra dramatizada, vem o empenho de Anchieta na transposição de cultura. O artigo *Pluralidade lingüística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI* esclarece que Anchieta escreveu aproximadamente 20 autos com tal intenção.

De fato, a função de aculturação exercida pelo teatro foi assim descrita por Nóbrega: ‘Com música e harmonia eu me atrevo a trazer a mim todos os indígenas da América’. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2004, p.186).

Desenvolvendo uma didática da educação elementar, ainda de acordo com Ferreira Jr. e Bittar (2005, p. 163), Anchieta utilizou o teatro como instrumento lúdico da aprendizagem, embora seus procedimentos didático-pedagógicos fossem fundamentados no método mnemônico. Tal técnica pedagógica, desde a alta Idade Média, constituiu-se “sobre estreita base de escrita, por memorização”:

Conforme um costume que remonta à Antiguidade, cantarolam-se a sós ou em grupo as fórmulas que condensam os rudimentos de uma ciência [...] Aprende-se de cor tal ou qual desses florilégios, numerosos desde o século X, destinados a conservar in arca pectoris (‘no tabernáculo do coração’) os Ditos dos Antigos (ZUMTHOR, 1993, p. 83).

Em trechos de cartas transcritas por Ferreira Jr. e Bittar (2005, p. 163), Anchieta mostra que os indiozinhos “dão conta das coisas da fé por um formulário de perguntas”.

A afirmação dos valores europeus quinhentistas transitava inevitavelmente pela voz de Anchieta, apresentada aos índios e curumins, entre outros meios, em *performance* teatralizada, como observamos no excerto abaixo.

Para atingir tal objetivo, os padres jesuítas utilizaram uma pedagogia fundamentada nos seguintes elementos: bilingüismo (preferencialmente português e tupi); método de ensino mnemônico; catecismo com os principais dogmas cristãos; desmoralização dos mitos indígenas; e atividades lúdicas (música e teatro). O uso sistemático dessa pedagogia jesuítica no âmbito das Casas de Bê-á-bá pode ser considerado como a primeira grande ação ideológica de afirmação dos valores europeus quinhentistas no Brasil colonial. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2005, p. 163).

Entre as atividades lúdicas, o canto como técnica pedagógica é signo, reforça Zumthor (1993, p. 184): “ele diz a verdadeira natureza da voz, presente em todos os seus efeitos; significa seu acordo com a harmonia das esferas celestes”. Não por acaso, padre Vieira, ao chegar ao Maranhão, ressalta a importância de cantar as orações e ladainhas, instituindo o terço cantado.

Em primeiro lugar, instituir o terço, que todos os dias depois da classe, às cinco horas, era cantado ‘pelos estudantes da escola diante da imagem de Nossa Senhora da Luz’; não querendo que esta devoção terminasse, o padre Vieira ainda estabeleceu uma ‘confraria com seu compromisso, de cujas celebrações participavam os ‘músicos de Nossa Senhora das Mercês’ [...] ordenou [...] que nos domingos e festas andasse um padre, ‘com a cana na mão’, que, acompanhado dos ‘estudantes com a bandeira’, juntos cantassem as ‘orações e ladainhas’ pela cidade. (CHAMBOULEYRON, 2007, p. 80).

Devido à formação específica dos missionários jesuítas, os aldeamentos, principalmente aqueles denominados Sete Povos das Missões, constituíram-se em ambiente alternativo para as formas de exploração do trabalho indígena, conglomerando milhares de índios que eram especializados em vários ofícios.

Tipografia, escultura, pintura, tecelagem, metalurgia, música e canto foram apenas alguns dos setores que os missionários incentivaram nas missões de índios guarani. [...] Nas oficinas, os meninos aprendiam música e canto e dedicavam-se ao aprendizado de algum ofício. (FLECK, 2007, p. 110).

Nos aldeamentos da Amazônia colonial, as determinações sobre o ensino prescrevem estratégias: “havendo muitos estudantes se instruirá a ‘cantar e tanger instrumentos’, para os ofícios divinos, e, havendo poucos, se ensinará a todos a doutrina cristã” (CHAMBOULEYRON, 2007, p. 78). A preocupação com o ensino prático do canto como formação de hábitos, entretanto, remonta o século XII, no qual, de acordo com Zumthor (1993, p. 185), “cantar e tocar algum instrumento fazia parte da educação de jovens nobres [...]”. Já no século XIII, a ordem franciscana, consagrada à prédica popular, estabeleceu várias escolas de canto litúrgico.

Ainda de acordo com Zumthor (1993, p. 76), a voz como poder e verdade não é “apenas meio de transmissão de uma doutrina”, mas também “fundadora de uma fé”. Além de recurso didático, o teatro da Companhia de Jesus prestou-se à catequização no sentido de transposição de códigos morais e espirituais.

Em cartas ao padre Inácio de Loyola, Anchieta descreve o funcionamento pedagógico-catequético em que a emulação é parte integrante no ensino dos curumins, como descrevem Ferreira Jr. e Bittar (2005). A técnica da exposição de ladainhas em coro e lições com formulários de perguntas parece estar próxima da *disputatio*, forma pedagógica dialogada que a escolástica sistematizou como discussões ficcionais, na qual, segundo Zumthor (1993, p. 83), “a posição dos corpos presentes não pode deixar ninguém indiferente”. Tal estratégia o ensino medieval recuperou, revivificando “uma forma de expressão de tradição que era antiga tanto no Oriente quanto na Grécia”, produzindo gêneros como os diálogos simbólicos entre santos e fiéis, explica Zumthor (1993, p. 83).

A exemplo de tais diálogos simbólicos ou alegóricos parece estruturar-se o “Diálogo de Guaraparin” (1585), auto escrito em tupi, endereçado ao índio e organizado com simplicidade.

Começa pela ameaça latente em um concílio de diabos, continua com a presa da alma de um índio que, no auge da aflição, chama por Nossa Senhora e termina com a salvação. O final aponta para a comparação entre índios que se recusam a aceitar o catolicismo e os aldeados à sombra do Colégio, uns errados até serem atirados ao fogo, os outros sedentários e felizes sob proteção de Nossa Senhora. O princípio moral é sempre o mesmo e está expresso na oposição cristã entre o bem e o mal. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2004, p. 187).

Nesse sentido, o teatro de Anchieta, contribuindo para a conversão da gentilidade, de acordo com a biografia escrita por Simão de Vasconcelos (1672 apud FERREIRA JR.; BITTAR, 2004, p. 178), traduz “a doutrina cristã e mistérios da fé, dispostos a modo de diálogo [...]”. A transposição da liturgia em teatro aproxima Anchieta dos clérigos dos castelos senhoriais: ao mesmo tempo capelão e contador. Zumthor (1993, p. 76), explanando sobre as constantes trocas de funções entre *clerics* e portadores de poesia, nos informa que os relatos hagiográficos assinalam conversões ocorridas durante audição de jograis. Explica, ainda, que “a ampliação teatral da liturgia”, particularidade dos séculos X, XI, XII exigia “freqüentemente o recurso aos especialistas da poesia e do canto em língua vulgar”.

Os primeiros franciscanos das ordens mendicantes por vocação errantes e pregadores, de acordo com Zumthor (1993, p. 77), “entravam no espaço do jogral”, sendo tratados como histriões. Porém, quanto à intenção, “sua palavra poética” não se diferenciava em nada de “sua palavra pastoral”. Empenhavam-se, portanto, em realizar, pela palavra, uma interação com o *populus christianus*. Assim, os jesuítas da Companhia de Jesus, particularmente Anchieta, buscavam operar pelo *Verbum* (com atividades lúdicas: música e teatro) um contato com a indianidade, o que prova que a língua tupi ou nheengatu foi empregada para tal fim. Ao escrever para nativos e colonos, Anchieta adotava, segundo Bosi (1993, p. 64), quase sempre o idioma tupi, procurando “moldar uma forma poética bastante próxima das medidas trovadorescas em suas variantes populares ibéricas [...]”, assim como, em tupi, também eram os autos devotos e circenses, com a finalidade de conversão. Dessa forma, os jesuítas, tanto na educação quanto na catequese, além da “língua profana”, utilizavam-se de homologias sobre a temática indígena na tentativa de impressionar o índio e facilitar o convívio elementar cotidiano. Tal processo destaca-se como meio para impor aos “infiéis” a cultura portuguesa cristã. Colocam-se, pois, os jesuítas numa tradição eclesiástica que remete ao século IX. Tradição de ilustres pregadores que visava, segundo informação de Zumthor (1993, p. 77), colocar “ao alcance dos fiéis menos instruídos a forma, o tom, o conteúdo das pregações” por meio de registros do cotidiano da língua vulgar. Tais pregadores teriam nos intérpretes profissionais da poesia vulgar, completa Zumthor (1993, p. 77), o exemplo de técnicas experimentadas, ao longo dos séculos, “as únicas de que dispunha a sociedade para a comunicação de massa, ou seja, procedimentos que supunham perfeito domínio da voz, do gesto, do cenário significativo”. Nesse sentido, as comédias e as tragédias, tendo como cenário “a sala grande dos colégios, a praça pública e as aldeias”, estavam imersas “em ambiente português e cristão”, como mostram Ferreira Jr. e Bittar (2004, p. 179), constituindo-se em “veículo de propaganda da língua portuguesa”, além de promover “a convivência das várias línguas faladas no Brasil”.

A intenção dos jesuítas era intenção de pregador: ser compreendidos pelos índios, congregá-los e difundir o discurso pastoral que traziam na algibeira.

[...] e esta era a razão pela qual o idioma tupi se tornava condição *sine qua non* para o êxito da catequese. E sendo o teatro uma das formas dessa conversão, o uso do português e da língua brasilica nas encenações era mais que justificado. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2004, p. 180).

A ampliação da arte predicatória (arte do sermão) reaproxima a prática do sermão “da prática dos contadores profissionais”, diz Zumthor (1993, p. 78). Como técnica que se generaliza entre 1170 e 1250, os sermões e as homilias se abastecem de apólogos, os *exempla*, fazendo furor por um século após 1250. O sermão, “sistematizando em termos de retórica a eloquência pastoral”, era o meio quase único, na tradição oral, de difusão da alegoria moral, conclui Zumthor (1993, p. 78). Nessa direção, os sermões dos jesuítas, farejando heresias, condenavam as práticas animistas dos indígenas, que, aos sentidos do colonizador mal, se distinguiram de bruxaria. Desse modo, não sem conflito, o discurso dos jesuítas, baseado no princípio da doutrina cristã, propugnava a recompensa após a morte, estimulando os índios à renúncia de práticas pecaminosas.

Assim, a alma imaculada ou purgada de todos os pecados do cristão desvanecido, que abandonou o corpo à devassidão do mundo terreno, reencontra o seu destino: o paraíso celestial. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2003, p. 48).

Todavia, é do próprio ritual tribal, à maneira das artes predicatórias, que abasteciam os sermões com “compilações extraídas das mais diversas fontes, sobretudo das tradições narrativas orais, locais ou exóticas” (ZUMTHOR, 1993, p. 78), que os jesuítas recheavam seu sermonário, bem como os textos dos autos, recorrendo às práticas mais afeitas à cultura indígena. Os jesuítas registram, por meio dos sermões e das atividades pedagógicas, elementos de aculturação com argumentos retóricos a partir de valores indígenas.

Observando seus costumes, logo perceberam o forte traço lúdico de sua cultura e talvez por essa razão começaram a investir em atividades centradas principalmente na música, na dança, na ‘teatralidade’ da vida tribal repleta de rituais, movimentos, cores, sons para que, por meio delas, o cristianismo fosse assimilado com o recurso dos próprios valores dos índios, ou seja, todo o empenho dos jesuítas nessa forma de catequese consistia em ‘cristianizar’ os valores indígenas. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2004, p. 184).

O teatro anchietano, contrariando uma suposta racionalidade jesuítica plasmada pelos documentos da ordem, voltar-se-ia para as manifestações populares mediante representações circunstanciais de acordo com as festas religiosas, culto dos santos e adaptações hagiográficas. Tais representações, adequando-se ao seu público e expressas em tupi ou em português, atendiam aos fins didático-catequéticos a que se propunham.

Estratégias baseadas em adaptações circunstanciadas que serviam à liturgia ou à transmissão hagiográfica tem seu correlato já em meados do século XII. De acordo com Zumthor (1993, p. 80), numerosos “relatos hagiográficos latinos foram adaptados em língua vernácula, atendendo mudança de clientela”.

A ‘tradução’ destinada a ser recitada publicamente, como um sermão, é – salvo exceção e até os fins do século XIII – composta em versos, isto é, numa forma que privilegia os ritmos da linguagem. (Zumthor, 1993, p. 80)

Assim, conclui Zumthor (1993, p. 80), “culto e poesia permaneciam funcionalmente unidos no nível das pulsões profundas, culminando na obra da voz”.

Em Anchieta, catequese e teatro estão indissociados e funcionalmente unidos. Pela ótica de Zumthor (1993, p. 80), *a voz poética* se relaciona com *a voz religiosa* em virtude de certa identidade, qual seja, a de fornecer ao homem “o único sistema acessível de explicação do mundo e de ação simbólica sobre o real”. Essa concepção nos permite concluir que, em tal papel, na prática social o teatro de Anchieta pouco se distingue da catequese, uma vez que a esfera do religioso pouco se distancia do mágico. O teatro de Anchieta, assim como a liturgia, traz por intento a transmissão de um saber singular consignado ao exercício do poder, já que empenhado num projeto de aculturação.

O ensino de então (mal dissociado da catequese) mantém também uma estreita relação com o teatro anchietano por meio de trocas funcionais recíprocas. A liturgia e o sermão garantiam a transmissão da fé cristã, enquanto outros saberes determinariam o funcionamento da colônia, respondendo ao sentido geral da colonização portuguesa, ou seja, aqueles saberes que viabilizariam o ideário do colonizador. A escola abreviaria a distância linguística. Intermediando tal processo, o teatro, veículo da língua portuguesa, valendo-se do lúdico, desdobrava o real em ação simbólica.

Dessa forma, a ação educativa dos jesuítas garantiu, em certa medida, a retaguarda do reino português, consolidando e legitimando as iniciativas dos colonizadores.

CONCLUSÃO

A tarefa dos jesuítas, sintetizada em catequese e ensino consubstanciados pelo teatro, teve como objeto a veiculação de saberes imprescindíveis à consolidação do processo colonizador português.

Coadjuvantes ou protagonistas deste processo, os jesuítas imprimiram um papel iniciador da história pedagógica no Brasil Colonial.

Tal qual ilustres pregadores do século XII, que pregavam em língua vulgar para o povo apoderando-se das técnicas dos intérpretes profissionais da poesia e da exibição jogresca, Anchieta, com seus autos entremeados de apólogos, de diversão e de alegoria transpostos das próprias tradições narrativas orais e silvícolas, supunha talvez o domínio da voz e do gesto, como aqueles, cuja palavra poética não se distinguia de sua palavra

pastoral. Para os índios, talvez fosse muito frágil a fronteira entre o adro da capela e o altar desta. Frágil a fronteira entre a palavra declamada por eles mesmos nos autos e aquelas que a brilhantavam a pregação. Culto e poesia, unidos funcionalmente, como sugere Zumthor (1993), culminam na obra da voz.

Assim também o ensino, mal dissociado da liturgia, trava com o teatro a mesma estreita relação, já que esse é recurso didático e lúdico para a aprendizagem das primeiras letras. As formas pedagógicas dialogadas, já sistematizadas pela escolástica, foram instrumento para Anchieta buscar os efeitos de *performances* teatralizadas.

Embora a igreja apostólica romana, sob diretrizes da contrarreforma fora levada também a reformar suas práticas educacionais “profundamente entranhadas no medievo”, como assinala Ferreira Jr. (2007, p. 17), observamos que o fator constitutivo de grande parte das técnicas educacionais jesuítas alicerçou-se na diversidade de pressupostos e métodos de origem medieval. Parte desses pressupostos, ancorados na oralidade medieval – no sentido tomado por Zumthor (1993, p. 17) de que oralidade “aquém da transmissão da mensagem poética, implica improvisação” – permitiu aos jesuítas uma (re)elaboração de técnicas pedagógicas que respondessem a determinadas condições históricas.

A improvisação dos jesuítas assenta-se, pois, em consagradas estratégias da tradição oral. De qualquer forma, tal pedagogia adotava e consolidava valores similares aos que encetaram a prática dominante da Europa Ocidental e Cristã.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHAMBOULEYRON, R. Os jesuítas e o ensino na Amazônia colonial. *Em Aberto*, Brasília, v. 21, n. 78, p. 77-91, dez. 2007.

FERREIRA JR., A. Os jesuítas na pesquisa educacional. *Em Aberto*, Brasília, v. 21, n. 78, p.13-29, dez. 2007.

FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. Casas de Bê-á-bá e evangelização jesuítica no Brasil do século XVI. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 22, n. 8, p. 153-181, jan./abr. 2005.

_____. Pluralidade Lingüística, Escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p.133-170, abr. 2004.

_____. A pedagogia da escravidão nos sermões do Padre Antonio Vieira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 84, n. 206/207/208, p. 43-53, jan./dez. 2003.

FLECK, E. C. D. A educação jesuítica nos Sete Povos das Missões (século 17-18). *Em Aberto*, Brasília, v. 21, n. 78, p. 109-120, dez. 2007.

ZUMTHOR, P. *A Letra e a Voz – A “Literatura” Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Dados do Autor

DJAIR LÁZARO DE ALMEIDA
Mestre em Fundamentos da Educação, Universidade
Federal de São Carlos (UFSCAR).
Pós-Graduado “Lato Sensu” em Literatura e Semiótica,
Faculdade de Filosofia Ciências e
Letras de São Bernardo do Campo.
Graduado em Letras, Faculdade de Filosofia Ciências
e Letras de São Bernardo do Campo.
Pós-Graduado em Odontopediatria, Faculdade
de Odontologia de Bauru (FOB/USP).
Graduado em Odontologia, Universidade do Oeste
Paulista de Presidente Prudente (UNOESP).
Professor Coordenador da Oficina Pedagógica (PCOP)
Educação Especial, Diretoria de Ensino - Região de São Carlos/SP.